



Tecnologias e culturas híbridas no contexto latino-americano¹

Laan Mendes de Barros²

Resumo

Os versos da canção “Parabolicamará”, escritos por Gilberto Gil faz 18 anos, remetem-nos ao contexto da contemporaneidade, onde as escalas de tempo e espaço são moduladas cada vez mais a partir das tecnologias da informação e da comunicação. Em épocas mais remotas – o nas sociedades primitivas ainda existentes – o tempo e o espaço eram dimensionados a partir de fenômenos da natureza, como o dia e a noite, o rio e a montanha; no mundo urbano contemporâneo os meios de comunicação e o aparato tecnológico que os suportam estruturam nossa percepção do mundo, da vida, do outro e cada um de si mesmo.

Palavras-chave

Tecnologia; Culturas híbridas; América Latina

Introdução

Parabolicamará

música e letra: Gilberto Gil 1991

*Antes mundo era pequeno /
Porque Terra era grande /
Hoje mundo é muito grande /
Porque Terra é pequena /
Do tamanho da antena parabolicamará /
É, volta do mundo, camarã /
É, mundo dá volta, camarã // (...)
De jangada leva uma eternidade /
De saveiro leva uma encarnação /
De avião o tempo de uma saudade //
Pela onda luminosa /
Leva o tempo de um raio /
Tempo que levava Rosa /
Pra aprumar o balaio /
Quando sentia que o balaio ia escorregar...*

¹ Trabalho enviado para o GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Titular da Faculdade Cásper Líbero – São Paulo e Pesquisador Associado da Cátedra UNESCO-Metodista de Comunicação. laan.mb@uol.com.br



Estes versos da canção “Parabolicamará”, escritos por Gilberto Gil faz 18 anos, remetem-nos ao contexto da contemporaneidade, onde as escalas de tempo e espaço são moduladas cada vez mais a partir das tecnologias da informação e da comunicação. Em épocas mais remotas – o nas sociedades primitivas ainda existentes – o tempo e o espaço eram dimensionados a partir de fenômenos da natureza, como o dia e a noite, o rio e a montanha; no mundo urbano contemporâneo os meios de comunicação e o aparato tecnológico que os suportam estruturam nossa percepção do mundo, da vida, do outro e cada um de si mesmo. Se “antes o mundo era pequeno, porque a Terra era grande”, com o ser humano vivendo em um universo reduzido, o alargamento dos horizontes provocado pelo avanço da sociedade interconectada ampliou o universo de conhecimentos e reduziu as distâncias geográficas, dando a sensação de que a Terra diminuiu, enquanto o mundo se agiganta. Nossa percepção do tempo e do espaço passa por mediações socioculturais que têm os meios de comunicação como elementos balizadores.

No entanto, para compreender essa inter-relação entre cultura e comunicação é necessário superar a visão instrumental e funcionalista que reduz o campo da comunicação a um conjunto de conhecimentos técnicos, onde os meios são somente ferramentas para a transmissão de mensagens. Mais que suportes técnicos de conteúdos, os meios de comunicação devem ser compreendidos como um campo de mediações, superando-se assim a dicotomia entre forma e conteúdo, como já denunciara Marshal McLuhan, quando propôs que “o meio é a mensagem”.

Em outros momentos de sua trajetória artística, o compositor baiano – que foi Ministro da Cultura do Brasil até julho de 2008 – criou outras canções que tomam a problemática da comunicação como inspiração para pensar a vida. No disco *Pela Internet*, de 1998, Gilberto Gil expressava o desejo de “*entrar na rede*”, de “*promover um debate*” e de “*visitar os bares do Nepal*” e “*os lares do Gabão*”. Mais recentemente, em 2007, ele lançou o disco *Banda Larga Cordel*, título de uma canção que diz: “*quem não vem no cordel da banda larga, vai viver sem saber que mundo é o seu*”. Referindo-se ao neto, ele brinca: “*Diabo de menino internetinho, sozinho vai descobrindo o caminho; o rádio fez assim com seu avô*”.

De fato, as novas gerações descobrem o mundo por caminhos distintos em relação àqueles que trilharam seus pais e avós. Já não estão presos à lógica da sequencialidade linear, eles experimentam a simultaneidade das redes. Seus horizontes



são bem mais largos e a amplitude e complexidade de suas relações pessoais e institucionais lhes permitem grande mobilidade e diversidade cultural. Hoje, o ser humano urbanizado vive interconectado através da Internet, que ganha cada vez mais velocidade e capacidade de armazenamento e sistematização com as transmissões de dados em banda larga.

No entanto, uma questão nos desafia: onde estarão aqueles que ficaram excluídos do “cordel da banda larga” quando o “menino interconectado” de hoje avançar em seu caminho? Se por um lado a “sociedade em rede”, como denomina Manuel Castells (2006), se configura como um espaço essencialmente participativo e se estrutura em dinâmicas interativas e colaborativas; por outro, ela carrega suas contradições, provoca exclusões e, em muitos aspectos, repete a lógica dos meios massivos, espelha a sociedade de massa. Retomaremos esta discussão mais adiante.

Vivemos atualmente em um contexto de diluição de fronteiras em múltiplos aspectos, de convergência e hibridação de tecnologias, de meios de comunicação e de culturas. No caso dos meios de comunicação já não podemos mais falar isoladamente deste ou daquele meio, como fazíamos anteriormente: a televisão, o rádio, os meios impressos, etc. Hoje eles estão, cada vez mais, repartindo o mesmo aparato tecnológico e o mesmo espaço-tempo das pessoas e comunidades. Seus conteúdos são assimilados em um processo simultâneo, substituindo a seqüencialidade que caracterizava as narrativas tradicionais. É possível observar uma superposição de mensagens e linguagens. A comunicação de massas se mescla à comunicação grupal e interpessoal. Os discursos radiofônicos e televisivos se articulam com os textos jornalísticos e outros conteúdos hoje disponíveis não só em suportes impressos, mas também em *sites*, *blogs* e outros espaços da *web*. As informações circulam pelo correio eletrônico, nos *chats*, por meio do *sms – short messages service* – e programas e sistemas computadorizados. O cinema, a música, a fotografia e os textos freqüentam os mesmos equipamentos portáteis, cada vez mais sofisticados. É o tempo da multimídia, onde tecnologias e linguagens são mescladas e a interatividade é a lógica das relações entre os seres humanos e entre eles e as máquinas. Ao discutir a cultura no ambiente de virtualidades reais, Manuel Castells (2006, p. 458) argumenta que:

Talvez a característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda a sua diversidade. Seu advento é equivalente ao fim da separação e até da distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões



culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade.

O contexto é de redimensionamento do tempo prático, dos deslocamentos espaciais e das relações entre a localidade e a globalidade. Vivemos um tempo de fragmentação de informações, de imbricação de narrativas e de hibridação tecnológica e midiática, que provoca profundas mudanças no âmbito da cultura. Um tempo de dinâmicas interculturais. No entanto, essa abertura ao diálogo não significa, por si só, a superação dos conflitos e das disparidades, da subordinação econômica e das relações de dependência. Nestes tempos de interculturalidade, a comunicação joga um papel muito importante; não tanto em sua dimensão mediática tecnológica; mas, em especial, nas dinâmicas de mediações culturais que se reproduzem a partir de relações midiáticas. E neste aspecto o pensamento comunicacional latino-americano tem desenvolvido uma reflexão consistente e singular, que dá maior complexidade e densidade à pesquisa da área. Como nos propõe Jesús Martín-Barbero, é necessário um deslocamento “dos meios às mediações”.

As transformações que os processos de comunicação experimentam na atualidade demandam novas articulações teóricas e epistemológicas. Nosso objeto de estudo hoje é marcado por intensos e dinâmicos movimentos de hibridação, que se inserem em um cenário de interculturalidade. Mais do que o enfoque tecnológico dos estudos da mídia, precisamos lançar olhos às mediações culturais que alimentam os fenômenos comunicacionais e, ao mesmo tempo, são por eles alimentadas. Para tanto fizemos uma revisão de alguns autores latino-americanos, em diálogos com outros europeus. Algumas manifestações do cenário cultural brasileiro, que é marcado por uma larga história de hibridação e de dinâmicas interculturais, ilustram nossa reflexão.

Um deslocamento teórico-metodológico

O pensamento comunicacional latino-americano tem algumas marcas bem características, que articulam a comunicação no campo da cultura. O desenvolvimento de um pensamento autônomo das teorias da comunicação no subcontinente latino-americano se deu em um contexto lutas pela liberação das ditaduras militares que se instalaram em vários de nossos países desde os anos 1960. Mais que uma teoria de



gabinete, a escola latino-americana se construiu no campo. O comunicólogo é também comunicador. Boa parte da pesquisa aqui realizada se deu de maneira participante. O conhecimento foi sendo produzido tendo o contexto histórico como sua origem e destino. Um conhecimento que busca o reconhecimento. Em boa medida, a atuação dos pesquisadores da comunicação na América Latina e Caribe poderia se enquadrar no que Gramsci chama de “intelectual orgânico”. A partir de uma herança marxista e de uma perspectiva dialética e interdisciplinar, os autores e coletividades de investigadores foram articulando seu trabalho com a construção de novos sujeitos políticos. Um segmento expressivo dos pesquisadores da área direcionaram seu trabalho em busca da emancipação cultural de nossas identidades. Isso passa pelo reconhecimento de nossa pluralidade cultural, de nossa natureza étnica mestiça, rica em experiências interculturais.

Os frequentes diálogos dos estudos de comunicação com o campo da educação comprovam essa vocação pedagógica da escola latino-americana. Mais que a linearidade dos processos de transmissão de informações, com a intenção de impactar o “*público alvo*”, predomina a concepção de comunicação como “tornar comum”, “compartilhar” conhecimentos; no sentido original do verbo latino: “*communicare*”. Nessa perspectiva o receptor é mais que um receptáculo, é mais que o objeto da ação do comunicador, dos meios. O receptor é tomado como participante ativo do processo que se desenvolve, como interlocutor de experiências estéticas, que se apropria das mensagens e produz novos sentidos a partir de seu contexto sociocultural. Como observa Martín-Barbero, a recepção ativa permite mais que a produção de conhecimento. Trata-se do reconhecimento do receptor como sujeito histórico. Em seu clássico livro *Dos meios às mediações*, ele explica essa mudança de foco:

Fue así como la comunicación se nos tornó cuestión de *mediaciones* más que de medios, cuestión de *cultura* y, por tanto, no sólo de conocimientos sino de re-conocimiento. Un reconocimiento que fue, de entrada, operación de desplazamiento metodológico para re-ver el proceso entero de la comunicación desde su *otro* lado, el de la recepción, el de las resistencias que ahí tienen su lugar, el de la apropiación desde los usos. Pero en un segundo momento, y justamente para que aquel desplazamiento no quede en mera reacción o pasajero cambio teórico, se está transformando en reconocimiento de la historia: reapropiación histórica del tiempo de la modernidad latinoamericana y su destiempo abriendo brecha en la tramposa lógica con que la homogeneización capitalista aparenta agotar la realidad de lo actual. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 10)

Este deslocamento, que revaloriza o lugar social do receptor, permite-nos, ao mesmo tempo, enfrentar a homogeneização que a lógica mercantil provoca nas práticas



de comunicação e superar o “midiacentrismo” predominante nos estudos da comunicação. No campo da pesquisa o pensamento comunicacional latino-americano ganha, cada vez más, autonomia e consistência e se articula com outras disciplinas. Dentre essas articulações, o binômio comunicação e cultura ocupa lugar de destaque, como dimensões inseparáveis. Aqui a cultura é compreendida não como algo estratificado, mas em sua condição híbrida e plural. Em *Oficio de cartógrafo – travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, Martín-Barbero fala dessas mediações culturais complexas e descontínuas.

Na América Latina, o que aconteceu nos meios de comunicação e por eles não pode ser compreendido à margem de descontinuidades culturais que medeiam a significação dos discursos massivos e o sentido de seus usos sociais, pois o que os processos e as práticas de comunicação coletiva produzem não remete unicamente às lógicas mercantis e às invenções tecnológicas, mas a mudanças profundas na cultura cotidiana das maiorias e à acelerada desterritorialização das demarcações culturais: moderno/tradicional, nobre/vulgar, culto/popular/ massivo. (2004, p. 139)

Portanto, esse deslocamento teórico-metodológico redefine a chave do processo de produção de sentidos não mais nos meios, como aparatos técnicos, mas sim nas mediações culturais, como elementos estruturantes do processo de significação. Com isso, ele nos remete a uma inserção no continente da cultura, em uma abordagem antropológica da problemática comunicacional. Nesta perspectiva, a discussão se transfere ao campo da própria existência humana e à problemática das identidades dos indivíduos e grupos sociais. Identidades que hoje são bastante híbridas e caracterizadas por múltiplas mediações culturais. Quando a atenção se volta às relações entre comunicação e cultura e ao contexto sociocultural onde se dão as práticas comunicativas, a coletividade e os diversificados grupos de convivência ganham importância. Neles acontecem os processos de mediação – referenciais, institucionais, situacionais, tecnológicos e cognitivos³.

A idéia de mediações já estava presente em paradigmático livro “*Mediación Social*”, de Manuel Martín Serrano, que defende a presença de múltiplos fatores na formação do universo simbólico das pessoas, a partir de intercâmbios entre entidades materiais e imateriais. Em outra obra, *La producción social de comunicación*, o autor espanhol recorda que os meios de comunicação “*no están solos en el desempeño de esta función social*”. Eles “*comparten el trabajo de generar representaciones colectivas con*

³ Esta classificação das mediaciones, em cinco categorías, é propuesta por Guillermo Orozco Gómes.



otras instituciones mediadoras”, como a família e a escola. As mesmas instituições já estão presentes – em uma perspectiva crítica – nos estudos sobre ideologia que Louis Althusser sistematizou no livro *Ideologia e aparatos ideológicos de estado*.

O tempo histórico e o lugar social no qual estão inseridos os receptores oferecem um contexto de mediações, que fazem da experiência estética⁴ – do grego *aisthesis* – uma oportunidade de reelaboração poética – do grego *poiesis* – na qual o receptor é mais que um decodificador do sentido depositado pelo emissor na mensagem. Como já definira Umberto Eco, no livro *Obra aberta*, o receptor é mais que um receptáculo de informações. Ele realiza um processo de fruição e recreação de sentidos.

Ocorre que esse tempo histórico e esse lugar social já não podem ser concebidos desde os parâmetros tradicionais, das categorias monotônicas das disciplinas. Em a contemporaneidade, tempo e espaço se tornam fluídos, híbridos. Os entendimentos sobre cultura de massas não se aplicam, de maneira automática, a os fenômenos comunicacionais da sociedade em rede. A própria cultura já não pode ser pensada de maneira estratificada entre categorias superior e inferior, ou categorizada em cultura erudita, popular e massiva. Em seu livro *Culturas Híbridas*, García Canclini (2008, p. 19) nos adverte: “assim como não funciona a oposição entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los”. E, nesta perspectiva, sustenta que “precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que unem esses pavimentos. Ou melhor, que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente”. No contexto latino-americano as divisões entre tradição e modernidade se tornam fluídas. No mesmo espaço social as manifestações artísticas populares e artesanatos regionais se mesclam com os aparatos tecnológicos digitais do mundo globalizado. Os signos da hibridação estão em toda parte. O passado e o presente se sobrepõem e se articulam com as perspectivas do futuro. O tempo físico diacrônico encontra sua relatividade ao se projetar em outras escalas de tempos práticos, simbólicos.

Mais que um processo de convergência cultural, como denominam alguns autores, sugerindo uma dinâmica em direção de uma grande aldeia global, cheia de harmonia, preferimos acompanhar a concepção de García Canclini e compreender a cultura contemporânea como culturas híbridas, em sua pluralidade e complexidade. Na

⁴ Tomamos el sentido propuesto por Mikel Dufrenne em el libro *Phenomenologie de l'expérience esthétique*, que propone que el receptor hace más que decodificar el objeto con el cual se depara.



se trata, portanto, de um processo de convergência, mas de hibridação intercultural o que hoje vivemos em um mundo onde as fronteiras geográficas tradicionais já não dimensionam bem os conteúdos e continentes, os indicadores e identidades. Nessa linha de pensamento, os conflitos e contradições também são considerados, desde uma perspectiva dialética, como elementos estruturantes do cenário sociocultural. Sobre esse redimensionamento dos estudos culturais, o antropólogo argentino fala de hibridação como uma nova categoria de análise, que pede também novos referenciais teóricos e metodológicos:

Considero atraente tratar a hibridização como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivido em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se. (Garcia Canclini, 2008, XXXIX)

Para Garcia Canclini (ídem, p. 283) no cenário contemporâneo “desmoronam todas as categorias e os pares de oposição tradicionais (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno)” utilizados anteriormente para se falar da cultura popular. Para ele as “novas modalidades de organização da cultura, de hibridação das tradições de classe, etnias e nações pedem outros instrumentos conceituais”.

Una teoria em banda larga

Tal qual se denomina a tecnologia da Internet neste momento do século XXI – a “banda larga” – também devemos alargar nossas concepções sobre comunicação e tecnologias de informação. Mais que nunca, devemos pensar a comunicação desde a cultura. Se nosso objeto de estudo sofre processos de transformação e hibridação tecnológicas e culturais; nossas teorias precisam, também, de novas articulações. Precisamos alargar nossa mirada.

A questão não está isolada no campo tecnológico e comunicacional. Também, a comunicação e a tecnologia não podem ser pensadas apenas em uma dimensão instrumental. Pensar a vida na sociedade contemporânea implica em fundamentar no campo da cultura as necessárias articulações entre a ação humana na natureza, implica em reconhecer a centralidade do ser humano em suas articulações com as máquinas.



Dominique Wolton argumenta que “a comunicação é, antes de tudo, uma *experiência antropológica* fundamental”. Para ele, “comunicar consiste em um intercâmbio com o outro”. Por outro lado, ele recorda também que a comunicação é “o *conjunto de técnicas* que, no período de um século, rompeu as condições tradicionais da comunicação direta, para substituí-la pelo reinado da comunicação a distância”. E, ainda, ele sustenta que “a *comunicação se converteu em uma necessidade social funcional* para economias interdependentes” (Wolton, 1997, p. 14-16). Por certo, essas três dimensões da comunicação são interdependentes. A comunicação é, ao mesmo tempo, uma “experiência antropológica”, um “conjunto de técnicas” e uma “necessidade social”. Porém, é pertinente observar que quando Wolton encabeça sua *decoupage* fenomenológica com a identificação da comunicação como uma “experiência antropológica”, ele elege o ser humano como ponto de partida, e contextualiza sua condição social, marcada por diferentes demandas, onde a comunicação se apresenta como “necessidade social funcional” no mundo contemporâneo. Mesmo quando trata da dimensão técnica da comunicação, ele o faz tomando o ser humano como referência, e seus conflitos de relação e convivência como desafios ainda não superados pelo “conjunto de tecnologias” da comunicação:

Plus a communication médiatisée s'améliore, brisant les échelles de temps et d'espace, plus a communication directe, physique, avec autrui paraît davantage contraignante. Il est plus facile de dialoguer d'un bout de planète à l'autre qu'on en oublie les difficultés, indispensables, du « face-à-face ». Les techniques n'ont pas résolu les problèmes de communication humaine, elles les ont simplement différés, repoussés au bout des claviers et des écrans. Au-delà de toutes ces techniques de plus en plus simples, bon marché, ludiques, interactives, l'autre est toujours présent, aussi difficile d'accès, aussi difficile à comprendre et à intéresser. Comme si les difficultés de communication humaine étaient simplement mises entre parenthèses par les prouesses techniques (Wolton, 1997, p.56).

É verdade que o ser humano prossegue com seus conflitos e que a tecnologia, por si só, não é capaz de promover as mudanças desejadas. Porém, também é verdade que estas mesmas tecnologias, na sociedade em rede, possuem um grande potencial de interatividade e de dinâmicas colaborativas. Voltaremos a isso na conclusão deste texto, observando por ora que tais características abertas das novas mídias favorecem processos de sincretismos culturais.

Como já sinalizamos anteriormente, a cultura deve ser abordada em sua pluralidade, desde uma perspectiva de ruptura de fronteiras e especialidades. O que Garcia Canclini chama de “culturas híbridas”, ou hibridação cultural, encontra



ressonância no que o sociólogo brasileiro Octavio Ianni (2000, p. 93) chama de “transculturização”, quando articula a discussão sobre cultura com os processos de “transnacionalização, mundialização ou, mais propriamente, globalização”. Ele nos convida a “experimentar a perspectiva aberta pela idéia de contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridação, mestiçagem ou, mais precisamente, transculturização” (idem, p. 95). Tal denominação aponta para algo que não pode ser controlado por este o aquele grupo, que passa por processos de negociações, de concessões, de rico intercâmbio, mas que tem uma dinâmica própria que cruza as identidades dos grupos sociais, valorizando as singularidades locais. Para Ianni, “a história dos povos e coletividades, das nações e nacionalidades, ou das culturas e civilizações” pode ser lida como uma “história de um amplo processo de transculturização” (idem, p. 99). Ele explica que:

O complexo de enigmas e contrapontos que constituem a ocidentalização do mundo, tanto quanto a orientalização, a africanização e a indigenização, esse complexo desenvolve e multiplica os processos socioculturais, econômicos e políticos que conformam a transculturização manifesta em todas as partes do mundo. Esse o complexo de enigmas e contrapontos que desenvolve as identidades e alteridades, tanto quanto as diversidades e desigualdades que configuram a pluralidade dos mundos. (idem, p. 105)

E chama a atenção para o fato de que essa pluralidade se desenvolve de maneira dinâmica, “em movimento, em permanente mutação”, onde coexistem e conflitam essas diversidades e desigualdades, as identidades e alteridades, em uma relativização do tempo e espaço, que confrontam dialeticamente “contemporaneidades e não-contemporaneidades, territorializações e desterritorializações, modernidades e pós-modernidades” (idem, p. 105).

Neste contexto transcultural, de constantes hibridações, já não é possível pensar desde a seqüencialidade linear e das classificações tradicionalmente hierarquizadas. Nosso desafio está em compreender o mundo da simultaneidade, onde as relações e conflitos não se dão com os vizinhos de fronteira geográfica, mas se reproduzem em escala planetária. A sociedade em rede nos pede também um pensamento em rede. A convergência tecnológica que se desenvolve a em nossos dias, estruturada em nós e interconexões, é mais que um aparato técnico e automatizado. Ele a nos conduz a uma construção do conhecimento também em movimento, desde uma perspectiva dialética e interdisciplinar, o mesmo transdisciplinar. Até porque esses aparatos não são neutros, estéreis. Eles possibilitam o desenvolvimento de novas competências humanas; nas palavras do sociólogo francês Pierre Lévy, os meios operam um processo de “mutação



antropológica”. A percepção do tempo, do espaço, do ser humano e da coletividade passa por recursos tecnológicos que o indivíduo acessa em suas relações sociais.

Quanto mais os meios se sofisticam e se popularizam no contexto das sociedades urbanas contemporâneas, mais o problema de pesquisa da comunicação vai mesclado tecnologia e humanidade, em um processo de hibridação também do pensamento comunicacional. Na contemporaneidade já não é sustentável uma visão de oposição entre ser humano X natureza. Ele deve ser pensado em sua complexidade, como nos ensina Edgar Morin, como homo sapiens, faber, ludens, demens, que pensa, produz, joga e sonha. Nesta linha, Jean Caune (1999, p.120-121) argumenta:

Du point de vue anthropologique, a médiation culturelle se manifeste dans les processus rituels, comportementaux, techniques, etc. par lesquels les individus donnent un sens à leur condition humaine. Ce point de vue extensif fait de toute acquisition technique transmise, de tout comportement imposé par a norme comune, de toute manifestation symbolique par laquelle l’homme entre em relation avec ce qui le dépasse une forme da médiation culturelle. Les nouvelles réalités nées avec a modernité ont remplacé l’opposition homme/nature par les interfaces homme/technique; dès lors, l’expérience humaine est confortée aux médiations techniques qui transforment les appropriations culturelles.

E para pensar esse ser humano multidimensional os esforços têm de ser interdisciplinares. Precisamos alargar nossa mirada e criar novas redes de diálogo científico, construindo oportunidades de intercambio intelectual, transcultural.

Alguns desdobramentos da cibercultura

A título de conclusão deste artigo, elaboramos umas poucas linhas sobre alguns desdobramentos da cibercultura, denominação já bem presente no léxico dos estudos de comunicação e que tem em Pierre Lévy um de seus principais difusores. No livro que adota tal terminologia como título, ele propõe que pensemos o ciberespaço “como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária”, como “horizonte de um mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável, no qual cada ser humano pode participar e contribuir” e adverte:

Qualquer tentativa para reduzir o novo dispositivo de comunicação às formas midiáticas anteriores (esquema de difusão “um-todos” de um centro emissor em direção a uma periferia receptora) só pode empobrecer o alcance do ciberespaço para a evolução da civilização. (Lévy, 1999, p.126)

Esta projeção do ciberespaço como universo da cibercultura pode parecer um tanto otimista de mais; pero corresponde bem às potencialidades do novo cenário



mediático, que diverge dos clássicos meios de massa, especialmente no que se refere às possibilidades de diversificação de fontes e de liberdade de apropriação por parte dos receptores. Neste particular, as perspectivas do paradigma das mediações já descritas anteriormente, que projetam o receptor como sujeito ativo do processo de comunicação, são potencializadas no contexto do ciberespaço. Também, as possibilidades de intercâmbio e hibridação cultural. O mesmo autor define três princípios desse novo panorama cultural: “ a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (idem, p. 127). Para ele,

A cibercultura é a expressão da aspiração de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato. (idem, p. 130)

Reconhecendo, uma vez mais, certo otimismo exagerado por parte de Lévy, somos obrigados a aceitar que, de fato, a cibercultura configura um novo contexto para as relações humanas no globo. Por certo, a sociedade em rede não é um todo harmônico. Nela estão presentes várias contradições. Muitos ainda estão excluídos de seus ambientes ricos em interatividade. E, destes, muitos seguirão ausentes. Também é verdade que as demandas mercantis, tão presentes nos meios massivos, encontram novos espaços na nova mídia. Sobretudo, é ingenuidade pensar que os seres humanos e os grupos sociais se disponham de um momento para o outro a um espírito de colaboração, sem conflitos e contradições. Pensar assim é por demais positivista. Imaginar que a sociedade globalizada se comporte como um organismo, em harmonia e equilíbrio é negar parte da essência humana e ignorar a história. Porém, é fácil aceitar os princípios que Lévy propõe em relação à natureza do ciberespaço, caracterizado pela interconexão, pela criação de comunidades virtuais e pela configuração de uma inteligência coletiva. Mesmo que essas características não levem à formação de uma grande “aldeia global”, como já profetizara McLuhan, a cibercultura é essencialmente um universo de hibridação tecnológica, mediática e cultural. Também, um espaço aberto para a produção e a recepção colaborativas, sustentadas por inteligências coletivas, organizado segundo os interesses de comunidades compostas por pessoas que, mesmo remotamente, se interessam por problemáticas comuns.



É verdade que a Internet oferece um ambiente ideal para práticas colaborativas, que se desenvolvem de maneira mais livre e participativa, sem muitos controles centrais. A isso alguns denominam de desintermediação, dada a ausência de intermediários institucionais que determinem o que pode o deve ser publicado. E esta característica é essencial para a consolidação da cibercultura, mesmo que isso implique na diluição, total o parcial, da autoria individual. Neste ponto, cabe uma pergunta sobre a propriedade intelectual do saber acumulado ao longo dos anos, por diferentes civilizações. O conhecimento, como a informação, é algo intangível, que não é descartável como o são outros produtos da sociedade de consumo depois de utilizados. Sobre isto o cientista político Sérgio Amadeu da Silveira (2007, p.33) argumenta que “as redes digitais permitem praticar com velocidade a cópia, a remixagem, a colagem e a recriação. Permitem compartilhar os bens simbólicos como nunca”. Para ele, as redes podem “explorar as características inerentes a todo e qualquer bem informacional”, que derivam de sua condição imaterial e intangível. Silveira recorda que o bem informacional “não sofre a escassez típica dos outros materiais. Ele pode ser reproduzido infinitamente, sem perda ou desgaste do original. Ademais, o bem informacional não experimenta desgaste quando é utilizado. O que pode desgastar-se é apenas o suporte” (idem, p. 34). Se a cibercultura é fruto de “inteligências coletivas”, como afirma Lévy, os saberes nela gerados não têm um dono, não devem servir para propiciar riquezas de uns poucos. Quem é o proprietário do conhecimento desenvolvido pelo esforço e criatividade coletivos? Quem é o dono das informações construídas em rede?

No contexto da comunicação de massas, do debate sobre a “indústria cultural”⁵ os *meios*, como categoria de análise, eram o principal parâmetro para a reflexão sobre os processos comunicacionais. Portanto, nos estudos da comunicação do século XX se justificava o “miacentrismo” como predominância. Já, na sociedade em rede do século XXI, que é permeada por dinâmicas transculturais, a teoria das mediações, que já estava presente nos debates anteriores, se configura como um novo paradigma para os estudos da comunicação e da cultura, os estudos da cibercultura. Em mundo que se amplia, enquanto a Terra vai ficando pequena, para pensar a comunicação é necessário um deslocamento “dos meios às mediações”.

⁵ Término formulado por Adorno e Horkheimer em 1947, em la obra *Dialéctica do esclarecimento*, com el propósito de criticar la cultura de massa.



Referências Bibliográficas

BARROS, Laan Mendes & KUNSCH, Dimas (org.). *Comunicação: saber, arte ou ciência*. São Paulo: Plêiade, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 1, 9ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CAUNE, Jean. *Pour une Ethique da Mediation: Le sens des pratiques culturelles*, Grenoble (França): PUG, 1999.

_____. *Culture et Communication : Convergences théoriques et lieux de médiation*, 2a. Ed. Grenoble (França): PUG, 2006.

ECO, Umberto. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 3ª. Ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, 4ª. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones – comunicación, cultura y hegemonía*. México: Gustavo Gilli, 1987.

_____. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN SERRANO, Manuel. *La producción social de comunicación*. Madrid : Alianza Editorial, 1986.



_____. *La mediación social*. Madrid : Akal, 1987.

MORIN, Edgar. *Pour sortir du XXe siècle*. Paris : Seuil, 1984.

RICCEUR, Paul. *Du texte à l'action: Essais d'herméneutique II*. Paris: Ed du Seuil, 1998.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Comunicação digital e a construção de commons*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

WOLTON, Dominique. *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997. 6023.